

CINEMATECA PORTUGUESA -MUSEU DO CINEMA  
ISSO É BRASIL: 60 ANOS DA L.C. BARRETO PRODUÇÕES  
11 e 12 de Novembro de 2024

## VIDAS SECAS / 1963

Um filme de Nelson Pereira dos Santos

**Realização:** Nelson Pereira dos Santos / **Argumento:** Nelson Pereira dos Santos, baseado no romance homónimo de Graciliano Ramos / **Fotografia:** José Rosa e Luiz Carlos Barreto / **Música:** Leonardo Alencar / **Montagem:** Rafael Valverde e Nelo Melli / **Interpretes:** Átila Iório (Fabiano), Maria Ribeiro (Vitória), Orlando Macedo (o soldado), Jofre Soares (o fazendeiro) e as crianças Gilvan e Genivaldo.

**Produção:** Herbert Richers, Luiz Carlos Barreto e Danilo Telles para a SONO FILMES (Rio de Janeiro) / **Cópia:** DCP, preto e branco / **Duração:** 100 minutos / **Estreia em Portugal:** 30 de Março de 1967 no Cinema Estúdio.

---

A carreira de Nelson Pereira dos Santos começou, sob os melhores auspícios da crítica, em 1955, com **Rio 40 Graus**. Prosseguiu em 57, com **Rio Zona Norte**, de certo modo complementar daquele, afirmou-se em **Mandacaru Vermelho** (61) e conheceu novo êxito, no ano chave de 62, **Ouro. Vidas Secas** é, pois, a quinta longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos (que, entretanto, entre 1950 e 1963 assinara cinco curtas-metragens).

Se o filme não obteve o êxito, junto do público, de algumas das obras que Nelson faria depois (como **Fome de Amor, Azylo Muito Louco, Como Era Gostoso o Meu Francês, O Amuleto de Ogua, Tenda dos Milagres** ou **Memórias do Cárcere**, este último também baseado em Graciliano) foi talvez o maior êxito de crítica da carreira deste importante realizador, havendo até quem considere **Vidas Secas** o melhor filme brasileiro de todos os tempos. E **Vidas Secas** foi premiado em Cannes (1963) e em Génova (1965). Mas os elogios não são unânimes: aos apaniguados da obra opuseram-se os que lhe apontam falhas técnicas, má direcção de actores boas intenções demasiado evidentes, uma certa procura de efeitos, uma certa procura de segura. Entre nós, quando o filme foi apresentado em Lisboa no Festival da Casa da Imprensa - três anos após a sua estreia - as opiniões dividiram-se também e o prémio da crítica que lhe foi atribuído sofreu alguma constetação (não faltou quem lhe preferisse, mesmo entre os filmes brasileiros, **Menino de Engenho** de Walter Lima Júnior - 1965 -, incluído no mesmo Festival).

Outros ainda discutiram a adaptação do romance, uma das mais famosas obras do grande Graciliano. Considerando que Nelson teria ficado a meio caminho entre o documentarismo (inicialmente o autor pensara em fazer um documentário sobre o Nordeste, para que chegou a escrever um guião) e a ficção romanesca.

Mas essas várias reservas - com bases objectivamente pouco negáveis - é possível opôr que as imperfeições do filme não lhe tiram um tom e um estilo que desde o longo plano fixo inicial (com a árvore ao longe e o zumbido na banda sonora) nos fazem aceder à mesma dimensão exaustiva e excessiva que o romance de Graciliano Ramos nos dá.

**Vidas Secas** é um filme construído em torno da duração (duração dos planos, das sequências, dos episódios fundamentais do argumento). Pode-se achar que esta é excessiva, mas convém pensar que esse mesmo excesso é a intenção do realizador e que é dele que nos vem a insuportabilidade deste filme, equivalente admirável da insuportabilidade da miséria dos seus personagens.

"Não vamos chegar nunca. Não tem fim" diz no início de **Vidas Secas** a mulher de Fabiano. Se esta frase for interpretada metafisicamente o espectador mais avisado começará a embirrar com o filme e só acaba no fim. Mas se, em vez disso, a tomarmos como forçado conhecimento topográfico podemos ver nesse "não tem fim" está o essencial da obra. A criança que pergunta incessantemente "o que é o inferno?", a cadela que leva a morrer mais tempo do que o tempo consente, a vingança que se esgota num rodopiar em torno do outro (Fabiano e o soldado) não serão sádicas ou medíocres complacências, mas marcos dessa duração interminável que é ávida-inferno de todos aqueles seres.

Assim sendo, o grande mérito de Nelson terá sido não parar a meio caminho ou seja a meio tempo. É exactamente porque tudo dura para além do previsível que a obra passa sobre a barreira da ética e da estética para atingir a zona do patético que é sempre a da humana abjecção. Essa abjecção é o único aposto que à miséria convém. Ao que assim se degrada deve chamar-se degradação e entreve-la não será panfletarismo ou pieguice, mas o limite da arte que testemunha por aqueles que foram degradados.

Lancinante litania - martelada como a excessiva cadência duma ladainha - **Vidas Secas** traduz no seu tempo e na sua depurada découpage, o abismo da humilhação daqueles que nasceram escravos e não têm qualquer possibilidade ou esperança de o deixar de ser.

Por isso é também um filme construído em torno de "leit-motivs" (o zumbido, a espera, a seca) que transpõem a incessante repetição - onde quer que se vá e onde quer que se esteja - do mesmo implacável destino.

Tudo é idêntico e tudo se repete. Por isso este filme tinha que ser insustentável e insuportável, ou pelo menos tender para tais limites, barreiras contra as quais os personagens se quebram tanto como a despojada pobreza desta obra.

Filme tão seco como as vidas que narra e tão próximo de pegar fogo como o sertão que lhe serve de moldura.

JOÃO BÉNARD DA COSTA